

educação

FORA DA CÁTEDRA

A missão da Escola

pelo Prof. DELFIM SANTOS

O longo debate na história da educação entre as teorias individualistas e teorias sociais ou sociológicas do ensino parece ser hoje uma questão de somenos importância. O desenvolvimento do indivíduo humano só pode realizar-se em função de valores que o transcendem, e a compreensão das virtudes sociais de determinada época só pode realizar-se na consciência individual. O puro individual e o puro social são abstrações sem correspondência na realidade.

A escola é o ponto de encontro do individual e do social, é a oficina onde o indivíduo se integra na sociedade e compreende e assimila os valores sociais. Outro qualquer tipo de escola não pode haver e nunca houve, apesar das designações de certas tendências terem levado a errôneas conclusões. Anular o indivíduo sob o peso inerte das instituições não pode chamar-se educação; anular o social, valorizando exageradamente o indivíduo, também não pode ser atribuição da escola.

A Escola é a oficina da personalidade, e a personalidade só se manifesta quando amadurece a compreensão do indivíduo, a tal ponto que o social para ele o carácter estático e absoluto, e se torne arranjo convencional útil para si e para os seus contemporâneos. O desenvolvimento da personalidade é hoje o interesse máximo da escola, e como a personalidade funda e supera o individual e o social, a escola por sua vez é um órgão de síntese do que era considerado oposto e irreductível.

Partindo deste ponto de vista, parece errônea a definição corrente de que a escola deve ser preparação para a vida. Mas, para que vida? A escola não pode, no seu processo, admitir absolutos extrinsecos para os quais terá de preparar os que a frequentam. Não; a escola é já em si vida, e deve

ser a imagem do mundo onde se vão manifestar as virtudes com que a escola conformou a personalidade. Colocar a escola fora da vida é igualmente colocar a vida fora da escola. Educação é um processo de vida e não preparação para a vida — disse Dewey.

Ainda segundo Dewey, a educação consiste na participação do individual na consciência social do povo a que o educando pertence. A verdadeira educação realiza-se pelo estímulo das aptidões da criança relativamente às exigências das situações sociais em que ela se encontra. A escola não deve ser, portanto, apenas transmissora de saber, mas sobretudo reveladora e orientadora das aptidões dos jovens que a frequentam, ao mesmo tempo que os vai integrando sem os deformar na consciência social de que fazem parte.

Segundo o filósofo americano, cujas ideias pedagógicas são extraordinariamente próximas do filósofo alemão Natorp e do pedagogo Kerscheneitner, também alemão, o processo educacional tem dois aspectos relevantes, que não podem nunca excluir-se nem subordinar-se um ao outro: o aspecto psicológico e o aspecto sociológico. O primeiro fornece-nos o conhecimento da criança nas suas tendências, aptidões, possibilidades e interesses. O segundo tem em vista a integração do jovem na actividade social em correlação com o seu tipo psicológico.

A escola tem, portanto, duas funções primordiais: conhecer o aluno e orientá-lo em função desse conhecimento. É claro que os aspectos socio-

lógico e psicológico da educação estão intimamente relacionados, mas nem por isso é impossível esta distinção importante. O currículo dos estudos é simples meio de que a escola usa para poder, com maior ou menor precisão, conhecer o tipo de homem que está germinando no adolescente. Neste sentido, mais uma vez, se torna claro que a escola não é fundamentalmente transmissora de saber, mas órgão de descoberta e orientação.

CRÓNICA DE PARIS

«O HIPOPÓTAMO E A FILOSOFIA» UM LIVRO DUM PROTESTANTE DESCENDENTE DO PAPA

por HENRI GERBERT

(Especial para o «Diário Popular»)

Livro encantador! Permite-nos, pelo menos um dia, esquecer-nos noutras coisas — pensar-nos em coisas agradáveis, fecundas, belas! Mas se vos for dado lê-lo, devorá-lo, como vos desejo, deixai-me prevenir-vos, como de resto o título já o faz, que o autor o colocou sob o signo do Inesperado...

O autor, Teodoro Monod, pertence a grande família dos Monod, sdr que conheci no Havre. — escreveu Jules Lemaitre maliciosamente — tantos membros respeitáveis ou encantadores. Estes Monod são os Montmorency, os Colonna, os Albuquerque do protestantismo francês. São tantos como as estrelas do céu e como as areias do mar; uma tribo — disse Charles Maurras — que não gosta das crianças nem da Bíblia, e que raras vezes peca por excesso de afabilidade.

A verdade é que descendem todos de um primeiro Monod, de origem suíça, que teve 12 filhos. A estes chama-se bíblicamente, se não modestamente, «Os Doze» e os filhos destes filhos usam também (ou, por outra, usavam, porque a grande Foce nem sequer respeita os Monod) o título de «Filhos dos Doze». Todos os anos, de resto, uma grande festa de família reunia em Paris todos os Monod que o podiam fazer e que, bem entendido, não se conhecendo uns aos outros, usavam na botoleira, como sinal indicativo, uma roseta de determinada cor, revelando a sua filiação, com o nome próprio impresso em círculo.

De uma reunião a seguinte, um boletim impresso, confiado a uma parente de condição modesta, a Sara Monod, informava a família dos nascimentos, noivados, casamentos, consagrações pastorais, publicações científicas e de os outros acontecimentos verificados entre os Monod. Finalmente, porque os republicanos não verdadeiramente os únicos que sabem apreciar os títulos de nobreza, os Monod publicavam por volta de 1900, um volume magnífico, o «Livro do Centenário», que relatava os factos mais antigos da família e apresentava uma genealogia prestigiosa. Descendiam, se bem me lembro, de São Luís e contavam um Papa até entre os antepassados. Sempre me surpreendi que não chegassem a um cardeal da Inquisição.

Perdoar-se a esta brincadeira inocente a um católico que conta amirações excelentes entre os protestantes. Isto facilita-lhe a tarefa de citar a diversidade extraordinária dos destinos individuais desta família já de si pouco vulgar. Muitos deles distinguiram-se nas profissões liberais, como médicos principalmente; nos negócios e na finança em que acolovelavam os Bottlinguer, os Nouffize e os Miraboud; no «Santo-Mistérios», bem entendido, onde o seu mais afamado representante era o pastor Wilfred Monod «leader» dos liberais, fervoroso admirador do padre Gaty, acreditando no Purgatório e fundador de uma verdadeira Ordem a que chamou os «Vigilantes»; nas Artes, como veremos mais adiante; na

DAS SETE ARTES

UM PROBLEMA CENTRAL DO NOSSO ENSINO OS EXAMES DE APTIDÃO À UNIVERSIDADE

pelo Dr. JOSÉ NEIVA

Dissemos, no artigo anterior, que o primeiro problema que cumprir analisar é o da preparação dos candidatos às carreiras Universitárias.

Uma observação, ainda que superficial, do problema deste grande nosso ensino mostra-nos imediatamente que existe um desequilíbrio funesto entre o ensino liceal e a organica seleccionadora dos exames de aptidão.

Normalmente, e em princípio, os concorrentes aos estudos superiores devem sair do ensino secundário com a bagagem de conhecimentos necessária aos exames de aptidão porquanto não existe qualquer intermediário entre o termo do ensino liceal e as provas seleccionadas e a lei prevê, como regra geral, que o aluno terminado o curso dos liceus possa requerer o exame de aptidão.

O ensino liceal, porém, está sujeito a programas em que se indica a distribuição por 7 anos de matérias que, pelo seu numero e pela natureza do próprio ensino, tratam superficial e genericamente os assuntos. Ora, se compararmos as exigências e as práticas dos programas liceais com a exigência selectiva dos pontos dos exames de aptidão, não é difícil surpreender um verdadeiro abismo. Note-se: nem queremos dizer que os programas nos liceus sejam superficiais, nem tão pouco que as matérias exigidas na aptidão sejam demasiado profundas. Apontamos o desequilíbrio nada mais.

Mas sejamos concretos e citemos ao acaso alguns exemplos:

Os alunos que se destinam à Secção de Filologia Romanica, poderão considerar preparados com a bagagem de conhecimentos da língua francesa que o 3.º ano dos liceus lhes ministraram há, pelo menos, quatro anos?

Que preparação pode ter o candidato à Secção de Filologia Germanica, se pode optar no 4.º ano pelo Inglês ou pelo Alemão, desconhecendo portanto, em absoluto, uma destas linguas?

Com pode enfrentar conscien-

te o exame de aptidão para o Instituto Superior Técnico um aluno que deixou o curso de Desenho no 3.º ano dos liceus e existindo entre a matéria deste curso e a exigida no respectivo exame um verdadeiro abismo?

Será suficiente a superficial preparação de História, dada em três nos liceais, para a visão de conjunto, subordinada ao complicado mecanismo de causas e consequências, que o candidato a Direito e a Filosofia necessita?

Poderíamos multiplicar as perguntas mas julgamos que, como exemplos, estas são suficientes.

O ensino liceal não possui condições para preparar o candidato aos exames de aptidão.

O crivo seleccionador existe, mas não existe a preparação conscientemente dirigida para o vencer.

Como o ensino secundário oficial não dá, nem pode dar, a preparação que as provas de aptidão exigem, o aluno recorre ao Ensino Particular. Este pode revestir duas modalidades: a de explicações isoladas e a de estabelecimentos de Ensino organizados.

A primeira é dispendiosa. O aluno recorre a ela o mais tarde que pode. É sabido por todos que, na melhor das hipóteses, só depois da Páscoa estes alunos aparecem. A preparação é feita atabalhoadamente, à pressa, explicando-se a matéria vasta em 90 escassos dias. Um explicador consciente tem que, inevitavelmente, dar ao aluno uma outra orientação e um outro esquema de ensino a que ele não está habituado no curso liceal. E como não há tempo e o que é necessário é vencer uma prova a maior parte das vezes tudo se passa com a finalidade de resolver pontos de exame. Consciência profissional, visões de conjunto, entusiasmo pela carreira a seguir, despertar de aptidões, são palavras mortas a que se não atende nem se pode atender, em tais condições.

O ensino tornou-se mecânico, perigoso para os alunos, para a Universidade e para a Sociedade de amanhã.

Nos estabelecimentos de ensino particular organizado, o panorama é mais deplorável. São estabelecimentos de ensino liceal e, como tal, têm a sua organica estabelecida.

Os candidatos à aptidão universitária são, porém, aí recebidos. Regra geral, para não dizermos comum, os alunos são integrados em numerosas turmas em que, numa heterogeneidade nociva, se acumulam com eles alunos da 7.ª classe, alunos com cadeiras atrasadas das 6.ª classes, etc., etc.

É evidente que o interesse e a atenção dos professores recai sobre os alunos propriamente liceais e é-lhes impossível sacrificar programas e métodos aos candidatos à preparação universitária que, em geral (ironia dos factos) são os que maiores mensalidades pagam.

As condições chegam a ser tão espantosamente desfavoráveis, que, por exemplo, os alunos de aptidão a Direito e Filosofia são assistentes das aulas de História do 4.º, 5.º e 6.º anos.

Dado isto, julgamos que a primeira causa do insucesso das provas de aptidão, que se tornaram o papão do nosso ensino e nas quais os alunos evocam mais frequentemente a Deusa Sorte, reside no desequilíbrio entre o ensino secundário e a organica selectiva estabelecida.

(Conclusão na página 10)

Novos edifícios escolares



Lóca de Filha de Almeida, em Beja



Escola de Pardas (Cunha de Air)